

## A nossa gente (228) – Teófilo Braga

# “Não há ainda excesso de turismo tem é que haver cuidado na gestão das pessoas que vêm”

Defensor acérrimo da natureza e do meio ambiente, Teófilo Braga tem sido bastante interventivo quando lhe parece que as decisões, principalmente ao nível do turismo e da construção de hotéis, não se adequam à Região. Acredita que se pensou primeiro na parte económica do turismo para a Região sem pensar a sério na parte social e ambiental que poderia trazer. Mas entende que os Açores ainda podem crescer no turismo desde que haja uma gestão das visitas e os turistas não se concentrassem todos no mesmo ponto. É contra a construção de uma incineradora em São Miguel, desde o início, e entende que tem de se “educar correctamente” a população para reduzir resíduos e com medidas “vindas de cima” pois acredita que nos Açores “apela-se muito à reciclagem mas não se recicla”.

**De onde é natural e como foi o seu crescimento?**

Sou natural da Ribeira Seca de Vila Franca do Campo, filho de pai agricultor e mãe doméstica. Ambos tinham apenas a quarta classe e o meu pai, durante dez anos, foi emigrante no Canadá.

Frequentei a Escola Primária – era assim que se chamava – na Ribeira Seca, no edifício do Plano dos Centenários, depois estudei no Externato de Vila Franca, do antigo 1.º ano até ao 5.º ano, hoje em dia seria do 5.º ano até ao 9.º ano, e depois completei a escola secundária na Escola Secundária Antero de Quental e depois frequentei a Universidade dos Açores, onde tirei o curso de Ciências Físico-Químicas e Matemática.

**O seu pai foi emigrante durante dez anos no Canadá, isso coincidiu com o seu crescimento?**

O meu pai esteve ausente durante uma parte da minha infância. Penso que ele regressou quando eu deveria ter à volta de seis ou sete anos e depois acompanhou toda a minha vida, toda a minha formação ainda no Externato e depois na Universidade.

**Recorda-se de algum presente que ele lhe tenha enviado e que o tenha marcado ou do seu regresso?**

Recordo-me muito mal. O meu pai era agricultor, o pai do meu pai também, mas o pai da minha mãe era lavrador, tinha vacas. O presente que eu ainda hoje guardo foi por altura do regresso dele, uma vaca de corda, cor de bonina e branca.

De resto, os presentes eram muito semelhantes aos das demais crianças da minha rua, como por exemplo as navalhinhas, que todos os camponeses tinham e que eram o sonho das crianças, e alguns instrumentos musicais de sopro que as crianças tocavam, mas nunca aprendi a tocar nada.

**Quando foi para a Universidade dos Açores o que o levou a optar por esse curso, sempre teve gosto pelas físico-químicas?**

Sempre tive mais jeito para as chamadas ciências, sobretudo para a matemática e para a físico-química. Tinha grandes dificuldades no inglês e não gostava muito de português. Sempre tive dúvidas em relação ao que queria ser em relação à minha profissão futura.

Houve uma altura em que pensei em engenharia, mas para isso era preciso ir estudar para o continente e entretanto abri cá o magistério primário. Cheguei a matricular-me no magistério primário, tive algumas aulas mas acabei por desistir porque havia aulas de música e eu não tinha jeito nenhum para a música.

Entretanto abre o Instituto Universitário dos Açores e eu matriculei-me, onde tirei o curso via ensino de professor de físico-químicas.

**Foi professor toda a sua vida?**

Excepto num período muito curto de cerca de



“Os alunos até podem estar concentrados na escola durante algum tempo...”

três anos em que estive destacado na Agência Regional de Energia que foi entretanto extinta.

**Que recordações guarda do primeiro ano em que foi professor e dos momentos em que entrava nas salas de aula?**

O primeiro ano foi na Escola Roberto Ivens. Concorri quando ainda estava a estudar, lembro-me de ter sido chamado ao Conselho Directivo – era assim que se chamava na altura – para escolher um horário.

Uma colega minha que lá estava disse-me que como estava a acabar o curso, tinham um horário que seria muito bom para mim e em que não tinha que preparar muitas aulas, que era o de Educação Visual, mas como eu também não tenho muito jeito para o desenho recusei e optei por um horário de Matemática e de Ciências da Natureza.

Ainda conheço alguns alunos que tive, foi uma experiência muito interessante mas a realidade é que não tinha preparação nenhuma. Quando isso acontece nós tentamos imitar os nossos professores, e foi mais ou menos isso que eu fiz, tentei imitar os professores que tinha tido na área das ciências e da matemática.

**Mas foi um primeiro ano que correu bem?**

Sim, até agora tudo tem corrido mais ou menos bem. Há anos melhores e anos piores mas não tenho tido grandes problemas e já são cerca de 42 anos de ensino.

**Nesses 42 anos como é que vê o interesse dos alunos para com a escola?**

**“O que eu penso que é um erro é que os vários governos, muitas vezes, empurram a resolução dos problemas para a escola. A escola não consegue resolver os problemas da sociedade, pode ajudar a resolvê-los mas tem que haver a intervenção do meio envolvente, sobretudo junto das famílias”**

Quando comecei a leccionar não havia os meios que existem hoje, sobretudo não havia internet que é uma área que hoje atrai muito os alunos, e uma coisa é certa, há muitos alunos que tiram proveito da internet e da própria televisão e dos muitos canais que nela existem. Tenho alunos que acompanham canais científicos, como o National Geographic e outros canais com temas de tecnologia e ciência.

Entretanto também se aumentou muito a frequência das escolas. Antes existiam grupos mais res-

tritos, normalmente de pais que tinham mais posses, e hoje em dia todos têm o acesso à escola.

Em relação às aulas o interesse diminuiu muito, de maneira que hoje em dia é um bocadinho difícil manter os alunos com atenção para os vários temas que se vão leccionando nas aulas.

Por um lado, muitas vezes continua-se a ensinar da maneira que se ensinava há 40 anos, e por outro lado tenho a sensação de que existem cada vez mais problemas relacionados com as famílias, de maneira a que os alunos – alguns deles – chegam completamente desmotivados.

Há alunos que chegam à sala e não querem fazer nada, nada, nada, nem se dissermos para escolherem um tema e trabalharem-no.

**É mais difícil lidar hoje com os adolescentes?**

Eu penso que é muito mais difícil. Tenho estes 42 anos de carreira, sinto-me realizado, mas se fosse para começar agora não optaria pela profissão de professor.

**É esgotante ser professor hoje em dia?**

É. No meu caso, como tenho o máximo de horas de redução estou em contacto com os alunos durante muito menos tempo, e aí vou conseguindo. Mas se hoje em dia, com a idade que tenho, se me dessem 22 horas lectivas eu não aguentava.

**Não se está a incentivar os professores para se sentirem mais motivados para abraçar a profissão?**

Eu penso que não. O nosso estatuto na carreira foi muito bom no tempo de António Guterres mas daí até agora tem vindo a degradar-se, de maneira que hoje em dia há grupos disciplinares em que já faltam professores, por isso as pessoas não estão incentivadas para o ensino.

O que eu penso que é um erro é que os vários governos, muitas vezes, empurram a resolução dos problemas para a escola. A escola não consegue resolver os problemas da sociedade, pode ajudar a resolvê-los mas tem que haver intervenção também no exterior.

Penso que os vários problemas que chegam às escolas resultam de vários problemas que existem nas famílias, como o desemprego, a pobreza e etc. Esses problemas não se revolvem na escola, tem que haver uma intervenção no seu meio envolvente, sobretudo junto das famílias.

**É uma questão que aparentemente não se tem conseguido resolver...**

Pois não, a intervenção nas famílias é o mais difícil. Os alunos até podem estar concentrados na escola durante algum tempo mas depois regressam a casa. Há inclusive pais que telefonam para as comissões de protecção de crianças e jovens a fazer queixa dos próprios filhos.

(conclui pág. 22)